

*ITALO CALVINO*

---

*A ESPECULAÇÃO  
IMOBILIÁRIA*

Tradução:  
MAURÍCIO SANTANA DIAS



COMPANHIA DAS LETRAS

---

Copyright © 2002 by Herdeiros de Italo Calvino  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:  
*La speculazione edilizia*

Capa:  
*warrakloureiro*

Preparação:  
*Amelinba Nogueira*

Revisão:  
*Ana Maria Barbosa*  
*Luciane Helena Gomide*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Calvino, Italo, 1923-1985.

A especulação imobiliária / Italo Calvino ; tradução  
Maurício Santana Dias. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2011.

Título original: *La speculazione edilizia*.

ISBN 978-85-359-1938-7

1. Ficção italiana I. Título.

11-07800

CDD-853

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura Italiana 809

---

2011

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

Erguer os olhos do livro (sempre lia no trem) e reencontrar a paisagem parte por parte — o muro, a figueira, a nora, os juncos, a cadeia rochosa —, as coisas vistas desde sempre e que somente agora, por ter estado distante, percebia: era assim que, todas as vezes que voltava para ali, Quinto retomava contato com sua terra, a Riviera. No entanto, como já fazia anos essa história de distância e de retornos esporádicos, qual era a graça? Ele já sabia tudo de cor; mesmo assim, continuava buscando novas descobertas, de relance, um olho no livro e outro para além da janela, e era quase uma mera checagem de observações, sempre as mesmas.

Mas toda vez havia algo que interrompia o prazer desse exercício e o forçava a voltar às linhas do livro, um incômodo que nem ele entendia bem. Eram os edifícios: todas essas novas construções que surgiam, conjuntos urbanos de seis, oito andares, a reluzir maciços como barreiras de contenção contra o desmoronamento das encostas, debruçando sobre o mar o maior número de janelas e varandas que podiam. A febre do cimento se apossara da Riviera: ali se avistava um prédio já habitado, com os canteiros de gerânio todos iguais nas sacadas; aqui, moradias recém-terminadas, com os vidros marcados por serpentes de giz, à espera de famílias lombardas ansiosas pelo banho de mar; mais adiante, um castelo de andaimes e, embaixo dele, a betoneira girando e o cartaz da imobiliária anunciando a venda de unidades.

Nas cidadezinhas íngremes, dispostas em patamares, os prédios novos brincavam de montar uns nos ombros dos outros, e, em meio àquilo, os donos das casas antigas espichavam o pescoço dos telhados. Em \*\*\*, a cidade de Quinto, antes circundada por umbrosos jardins de eucaliptos e magnólias onde, de uma sebe a outra, velhos coronéis ingleses e misses idosas se empresavam mutuamente edições Tauchnitz e regadores, as escavadeiras agora reviravam o terreno macio das folhas apodrecidas ou granuloso do pedrisco das aleias, enquanto as picaretas demoliam os sobrados de dois andares e os machados abatiam num chiado de papel os leques das palmeiras washingtonias, varridas do céu onde surgiriam os futuros três quartos ensolarados com área de serviço.

Quando Quinto subia até sua casa, que noutros tempos dominava toda a extensão dos telhados da cidade nova e os bairros baixos da marina e do porto, mais para cá o monte de casas mofadas e musguentas da cidade velha, entre a encosta oeste da colina onde os olivais se adensavam sobre os hortos e, a leste, um reino de palacetes e hotéis verdes como um bosque, sob o dorso árido dos campos de cravos cintilantes em serras que se estendiam até o Cabo, agora não avistava mais nada, só um sobrepor-se geométrico de paralelepípedos e poliedros, pontas e lados de casas, de cá e de lá, tetos, janelas, muros cegos para servidões contíguas com apenas os basculantes esmerilhados dos banheiros uns sobre os outros.

Toda vez que ele chegava a \*\*\*, a primeira coisa que sua mãe fazia era levá-lo ao terraço (ele, com uma saudade indolente, distraída e logo inapetente, teria ido embora sem subir até lá): — Agora vou lhe mostrar as novidades — e indicava as novas construções. — Ali os Sampieri estão levantando mais um andar, aquele lá é o prédio novo de um pessoal de Novara, e as freiras, até as freiras — lembra o jardim com bambus que a gente via lá embaixo? —, agora veja o buraco que elas fizeram, quem sabe quantos andares vão querer erguer com essas fundações! E a araucária da vila Van Moen, a mais linda da Riviera: agora a em-

presa Baudino comprou toda a área, e uma árvore que devia ter sido tombada pela prefeitura virou madeira de lenha; aliás, seria impossível transplantá-la, quem sabe até onde iam as raízes. Agora venha ver desse lado: a gente já não tinha vista para o nascente, mas veja o novo telhado que apareceu; pois bem, agora o sol da manhã chega meia hora depois.

E Quinto: — Ah! Oh! Mas que coisa! Oh, minha cara! — só conseguia emitir exclamações inexpressivas e risinhos, entre o “Mas o que se pode fazer?” e até um certo prazer diante dos danos mais irreparáveis, talvez por um resquício de gosto juvenil pelo escândalo, ou por uma ostentação de sabedoria de quem sabe ser inútil a ladainha contra o movimento da história. No entanto, a visão de uma cidade que era sua e que estava afundando daquele jeito no cimento, sem que ele nunca a tivesse realmente possuído, feria Quinto. Mas é preciso dizer que ele era um adepto do historicismo, um homem avesso a melancolias, viajado etc., enfim, não se importava nada com aquilo! Estava pronto a exercer violências ainda mais duras, ele, em pessoa, e sobre a própria vida. Quase teria gostado que sua mãe, ali, no terraço, lhe tivesse dado mais isca para essas suas contradições, e aguçava os ouvidos para colher nas resignadas denúncias que ela acumulava entre uma visita e outra os acentos de uma paixão que ia além do lamento pela querida paisagem que morria. Mas o tom de ponderada recriminação de sua mãe jamais beirava aquele declive acrimonioso e, mais no fundo, maníaco sobre o qual todas as queixas insistentes tendem a inclinar-se, revelando-se apenas em alguns termos alusivos da arenga: dizer, por exemplo, “eles” para referir-se aos que estavam construindo, quase como se estivessem unidos contra nós, e “olha o que estão fazendo com a gente” para qualquer coisa que prejudique a nós e a tantos outros; não, ele não via nenhuma ponta de polêmica na serena tristeza de sua mãe, e assim crescia ainda mais sua ânsia por sair da passividade e passar ao ataque. Eis que agora sua cidade, aquela parte amputada de si, tinha uma nova vida, uma vida monstruosa e antiestética, e por isso mesmo —

pelos contrastes que dominavam as mentes educadas na literatura — mais viva que nunca. E ele não participava dela; ligado aos lugares apenas por um fio de excitação nostálgica, e, pela desvalorização de uma área semiurbana não mais panorâmica, dela recebia somente um malefício. Ditada por esse estado de ânimo, a frase “Se todos estão construindo, por que a gente não constrói também?”, que ele lançara ali, num dia em que conversava com Ampelio na presença da mãe, e a exclamação dela, com as mãos erguidas às têmporas: — Pelo amor de Deus! Coitado do nosso jardim! —, tinham sido a semente de uma série já longa de discussões, projetos, cálculos, pesquisas, tratativas. E agora Quinto voltava à cidade natal justamente para dar início a uma especulação imobiliária.

Mas, refletindo sozinho, como fazia no trem, as palavras da mãe lhe tornavam à memória transmitindo-lhe um sombrio mal-estar, quase um remorso. Era o lamento que a mãe punha nelas por uma parte de si, de si mesma, que se perdia e da qual ela sentia não ser capaz de refazer-se, a amargura que colhe a velhice, quando cada injustiça geral que de algum modo nos atinge é uma injustiça cometida contra nossa própria vida, da qual não seremos mais ressarcidos, e cada coisa boa da vida que se perde é a própria vida a ir embora. E, justamente no modo ressentido de reagir, Quinto reconhecia a crueldade dos otimistas a qualquer custo, a recusa dos jovens em admitir-se minimamente derrotados, convictos de que a vida sempre lhes devolverá o que foi retirado, e se agora ela destrói um marco querido de sua terra, uma cor ambiente, uma beleza civilizada mas inartística, e por isso mesmo dificilmente defensável e memorável, com certeza depois dará outras coisas, outros bens, outras ilhas Molucas ou Açores, elas também perituras, mas desfrutáveis. E mesmo assim ele sentia quanto era equivocada essa crueldade juvenil, quanto dilapidadora e renunciadora de um sabor precoce de decrepitude, e também quanto era impiedosamente necessária: enfim, ele sabia tudo, o maldito! Sabia inclusive que, em termos absolutos, quem tinha razão era sua mãe, que não pensava em nada disso, mas apenas o informava a cada vez, com natural preocupação, das construções verticais dos vizinhos.

Ora, Quinto ainda não ousara dizer à mãe o que ele tinha em mente. Agora estava indo a \*\*\* precisamente para isso. Era uma ideia só sua, não tinha falado sobre isso nem com Ampe-lio; aliás, fazia pouquíssimo tempo que a ideia se configurara como uma decisão urgente, e não como uma hipótese, uma possibilidade sempre aberta. O único ponto pacífico e já quase concluído — com o resignado assentimento da mãe — era a venda de uma parte do jardim. Porque a essa altura já se viam compelidos a vender.

Era a época terrível dos impostos. Dois pesadíssimos tinham estourado de repente e quase ao mesmo tempo, logo após a morte do pai, que, com seus surdos resmungos e escrúpulos até excessivos, sempre cuidara desses assuntos. Um deles era o “imposto extraordinário sobre o patrimônio”, uma cobrança desavergonhada e vingativa, decretada pelos governos do primeiro pós-guerra, mais severos com os burgueses, e até então procrastinada por lentas burocracias, para deflagrar agora, quando menos se esperava. O outro era o imposto de sucessão sobre a herança paterna, um tributo que parece razoável a quem vê de fora, mas que, para quem sofre na pele, tem a virtude de parecer inconcebível.

Em Quinto, a preocupação de não ter no mundo nem a décima parte da verba necessária para pagá-los, e o atávico rancor dos agricultores lígures parcimoniosos e antiestatistas contra o fisco, e ainda a ineliminável acrimônia dos honestos que se consideram os únicos seres massacrados pelos impostos, “enquanto os grandes, como se sabe, sempre conseguem escapar”, e mais a suspeita de que houvesse naquele labirinto de cifras uma arapuca evitável, mas que só nós desconhecemos, todo esse torvelinho de sensações que os pálidos carnês de impostos suscitam nos corações dos contribuintes mais imaculados se misturava com a consciência de ser um mau proprietário, incapaz de fazer render os próprios bens e que, numa época de contínuos e aventurosos movimentos de capitais, tráficos de influência e giro de promissórias, continua de braços cruzados, deixando seus terre-



nos desvalorizarem. Assim ele percebia que, nessa maldade tão desproporcional da nação contra uma família carente de recursos, agia com lógica luminosa aquilo que, em linguajar jurídico, costuma chamar-se “o entendimento do legislador”: golpear os capitais improdutivos, e quem não consegue ou não tem vontade de fazê-los render que se vire.

Além disso, como a resposta a quem quer que indagasse — nas repartições da receita, nos bancos, nos tabeliães — era uma só: vender, “Todos estão fazendo isso: para pagar os impostos, precisam vender alguma coisa” (em que o “todos” evidentemente significava “todos aqueles como vocês”, isto é, velhas famílias de proprietários de pequenos olivais improdutivos ou de casas com aluguéis suspensos), Quinto logo fixou o pensamento no chamado terreno “dos vasilhames”.

Esse terreno “dos vasilhames” era um lote antes usado para o cultivo da horta, anexo à parte mais baixa do jardim, onde havia justamente uma casinha, um velho galinheiro mais tarde transformado em depósito de vasos, adubo, ferramentas e inseticidas. Quinto o considerava um apêndice acessório da propriedade e não era ligado ao local nem sequer por memórias de infância, porque todas as coisas de que se lembrava tinham desaparecido: o poleiro com o passo preguiçoso das galinhas, os sementeiros de alfaces perfuradas pelas lesmas, os tomates que alongavam o pescoço subindo por finos caniços, o desabrochar serpentina das abobrinhas sob as folhas derramadas pelo solo e, bem no meio, elevadas sobre as hortaliças, duas deliciosas ameixeiras da variedade Rainha Cláudia, que, depois de uma longa velhice, exalando seiva e apinhadas de formigas, secaram e morreram. Essa horta, a mãe, pouco a pouco diminuindo o consumo doméstico de verduras (os filhos ausentes, estudando e depois trabalhando, os velhos um a um desaparecidos, e por fim o marido, ainda incansável e vibrante, deixando-lhe de repente o sentimento da casa vazia), a mãe começou a invadi-la com suas plantas de jardim, fazendo dali uma espécie de posto de triagem, de viveiro, e transformando o

ex-galinheiro em depósito de vasos. Assim o terreno acabou revelando dotes de umidade e de exposição solar especialmente propícios a certas plantas raras, que, acolhidas ali provisoriamente, depois se estabeleceram em definitivo; e agora o local exibia um desarmônico aspecto, entre agrícola, científico e precioso, e era lá que a mãe preferia passar as horas, mais que em qualquer outro lugar acanteirado e cascalhoso do jardim.

— Vamos vender aquilo lá: é área edificável — dissera Quinto.

Ao que a mãe respondeu: — Muito bem, e as calceolárias, para onde vou transplantá-las? Não tenho mais nenhum espaço no jardim. E os pitósporos, que já estão bem altos? Para não falar da latada de *plumbago*, que se perderia... E depois — se deteve, como tomada de um temor imprevisto —, e depois, se o terreno for mesmo vendido e quiserem construir nele? — e a seus olhos se apresentou o muro cinza de cimento fincado no verde do jardim, transformando-o num fundo frio de pátio, num poço sem luz.

— Mas claro que vão construir! — irritou-se Quinto. — Estamos vendendo justamente para isso! Se não fosse uma área edificável, quem o compraria?

Mas não foi fácil achar um construtor que quisesse comprá-lo. As empresas buscavam zonas novas, perto do mar, com vista livre; aqueles arredores já estavam apinhados de edifícios, e não tinha cabimento propor que moradores de Milão e de Biella à procura de apartamentinhos em \*\*\* viessem se entocar naquele buraco. De resto, o mercado imobiliário dava sinais de saturação, para aquele verão já se previa uma leve queda na procura, duas ou três empresas que tinham dado um passo maior que a perna se viram atoladas em promissórias até o pescoço e faliram. Foi preciso abaixar o preço inicialmente fixado para o terreno dos vasilhames. Os meses passaram, passou um ano, e ainda não aparecera comprador. O banco já não queria antecipar o parcelamento dos impostos e ameaçava com uma hipoteca. Finalmente Caisotti se apresentou.